



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Plano Safra para a Agricultura Familiar
2003/2004**

Palácio do Planalto, 24 de junho de 2003

O companheiro Miguel Rossetto, quando falou – vocês pensam que ministro não fica emocionado, mas fica também –, esqueceu o número do telefone, que é muito importante. Exatamente para que a gente não permita que o dinheiro anunciado não saia, tem um número de telefone, que eu vou dar três segundos para vocês anotarem, e quem estiver em casa vendo: é 0800 787000. Este é o número do Pronaf para que, a partir do dia 15 de julho, como disse o Rossetto, os companheiros e as companheiras que tiverem dificuldade em ter acesso ao dinheiro, por favor não se façam de rogados, telefonem, briguem, xinguem, porque nós não queremos ver sobrar nenhum centavo do dinheiro anunciado para a agricultura familiar.

Não se impressionem com a quantidade de folhas, as letras são grandes.

O primeiro agradecimento, ao meu companheiro Miguel Rossetto e a todos os seus companheiros e companheiras do Ministério, que tiveram a capacidade de, junto com os ministros aqui citados por ele próprio, organizar, sem dúvida nenhuma, aquele que é o melhor plano de safra para a agricultura familiar já anunciado no nosso país. Eu sei que é pouco diante das necessidades, mas sei que é muito diante das possibilidades e do país que nós herdamos. E eu, Miguel Rossetto, quero dizer ao povo que está aqui, aos companheiros e companheiras trabalhadores, que sou testemunha da dedicação, do compromisso e da vontade que você estava de apresentar esse projeto.

Agradeço também ao companheiro Cássio Casseb Lima, presidente do



Banco do Brasil. O Banco do Brasil, para nós, é como se fosse um filho. Todos nós nos sentimos um pouco donos do Banco do Brasil. Mas o Banco do Brasil, com todo o nome extraordinário que tem, muitas vezes deixou a desejar no atendimento e no cumprimento daquilo que, politicamente, foi anunciado várias vezes, no Brasil.

Na primeira conversa que tive com o companheiro Cássio, saí satisfeito, porque vi no Cássio um companheiro capaz de fazer com que o Banco do Brasil pudesse anunciar e liberar os recursos que o governo promete para a agricultura e para outras atividades econômicas. Eu sei do empenho do companheiro Cássio. Eu antecipo o sucesso que esse cartão vai ter. Inclusive, quero dizer aos companheiros, o Roberto, de Ouro Preto do Oeste, à Rosana, de Sananduva e ao companheiro de Pernambuco: podem ter certeza de que esse dinheiro existe, esse dinheiro não é uma ficção, e não só o Banco do Brasil, mas o BNB e o BASA estarão à disposição para fazer esse dinheiro circular. Se esse dinheiro não circular no tempo certo, o Ciro já me disse: alguém “vai dançar”. Então, nós precisamos liberar, até porque credibilidade a gente ganha com gesto e não com discurso.

Quero cumprimentar minha querida companheira Marisa,

Meu companheiro José Alencar,

Nossa querida companheira Mariza, esposa do José Alencar,

Meu companheiro José Dirceu,

E quero dizer ao companheiro Cássio que eu vou fazer o primeiro teste, porque tenho uma grande propriedade de 14 mil metros, na beira da represa Billings e criava 17 cabritos. Quando fui eleito Presidente, fui obrigado a vender meus cabritos, porque senão iam morrer de fome. Eu imaginava viver vendendo queijo das minhas cabrinhas, mas não foi possível porque eu virei Presidente da República. Mas a Marisa, se quiser, pode entrar no Pronaf, o Pronaf Mulher, para aumentar a nossa propriedade. Mas aquele companheiro de Pernambuco, vá gostar de arame em outro lugar! Não sei se ele está me



ouvindo, mas ele sonha grande, porque ele está querendo, cada vez mais, comprar um pouquinho de arame para ir cercando.

Quero agradecer aos companheiros que participaram, de Olinda, de Petrolina, de Ouro Preto do Oeste e de Sananduva, porque foi uma novidade, Rossetto, eu não sei quem pensou isso tudo, mas foi uma grande novidade, essa, de colocar o povo para participar diretamente do lançamento aqui.

Eu quero parabenizar os ministros que estão aqui, o Dulci; a Marina; o Ciro; o Becker, que está substituindo o Palocci; o Jaques Wagner, do Trabalho; porque muito dinheiro que foi anunciado aqui é da pasta do Ministério do Trabalho. Estão aí fazendo festa com o dinheiro do Wagner. Mas também é um dinheiro do trabalhador, que é o dinheiro do FAT, portanto, é a solidariedade do campo e da cidade fazendo o dinheiro chegar onde deveria ter chegado.

A agricultura familiar precisa ser vista como um novo conceito. Houve um tempo em que se dizia assim: é preciso fixar o homem no campo; aí, eu aprendi com meu companheiro José Gomes da Silva, nosso saudoso José Gomes, que a gente não deveria utilizar a palavra “fixar”, porque quem gosta de ser fixado no campo é estaca, o homem e a mulher gostam de trabalhar no campo, mas gostam de ser livres para não ficarem afixados, presos em um único lugar.

E, a partir daí, começou a se discutir novos conceitos. Eu aprendi um na caravana da agricultura familiar, que é a utilização da multifuncionalidade da terra, você não sabe nem falar essa palavra, Tortelli: “multifuncionalidade da terra”. Mas isso significa o quê? Significa que quando nós pensamos em agricultura familiar, nós temos que pensar, primeiro, na ocupação soberana do território nacional; tem que ser pensada uma ocupação ordenada, planejada, para que as coisas dêem resultado; segundo, nós temos sempre que pensar na possibilidade de manter as pessoas na sua terra natal, ninguém muda porque quer, ninguém muda porque deseja mudar de Pernambuco para São Paulo, de São Paulo para a Bahia, da Bahia para o Rio de Janeiro.



As pessoas mudam procurando alguma coisa, procurando uma oportunidade. Se elas tiverem uma oportunidade na sua terra natal certamente é muito melhor viver perto da família, dos compadres, do que ficar apenas se comunicando por carta.

A terceira coisa é a geração de trabalho. A gente pensa muito na geração de empregos e muita gente diz que a agricultura familiar não gera um emprego formal – como estamos acostumados a conhecer, com carteira profissional assinada –, mas a agricultura familiar gera trabalho, porque ela mantém as pessoas no campo. Isso significa menos gente percorrendo o mundo à procura de oportunidades, à procura de escola, à procura de casa, à procura de empregos.

A quarta coisa é a melhoria da qualidade dos alimentos. Hoje tem uma predominância muito grande, no meio da agricultura familiar, da qualidade do produto que é plantado. Um produto sem nenhum pesticida, sem nenhum veneno tem maior preço no mercado, e as pessoas tratam, agora, de trabalhar com mais carinho o alimento que plantam.

E a outra, Marina, é a questão da preservação ambiental, que é o quinto componente dessa multifuncionalidade da nossa terra tão querida, que, se colocada em prática, a gente pode fazer com que a agricultura possa atender a todas essas cinco exigências. Ela pode fazer com que o país seja muito, mas muito melhor do que este que nós vivemos hoje.

Vocês estão lembrados – e eu faço questão de repetir sempre que posso –, eu que comecei o mandato dizendo: “primeiro nós vamos fazer o possível, depois vamos fazer o necessário e, quando a gente menos esperar, a gente vai estar fazendo o impossível”. Eu quero que vocês não esqueçam isso nunca, porque isso é uma coisa muito prática, e quem trabalha na agricultura sabe disso.

Ou seja, não adianta o sr. Teófilo plantar o seu pezinho de milho e querer que ele dê em três meses que não vai dar; ele vai ter que esperar quase



150 dias para o seu pezinho de milho dar. Não adianta plantar o seu feijãozinho e querer que nasça em 10 dias, não vai nascer, vai ter que esperar 90 dias para nascer, para ser bom, robusto, bonito. Assim é a política. As coisas não acontecem no tempo que a gente quer. Elas acontecem no tempo que a gente prepara para elas acontecerem. E nós estamos preparando, há seis meses, para que uma série de coisas aconteçam. Umas que já foram anunciadas, outras que estarão sendo anunciadas a partir desta semana. E o Pronaf para a agricultura familiar é uma coisa muito pensada, muito discutida, envolveu muito debate, envolveu muitos especialistas, envolveu muita gente discutindo o plano ideal dentro da nossa possibilidade. E saiu esse plano, eu não tenho dúvida nenhuma, que passará a balizar as próximas etapas das políticas agrícolas que formos fazer daqui para a frente, quando se tratar de agricultura familiar.

E falta, meu companheiro Manoel, falta, realmente, fazer a política de reforma agrária, que é um sonho, um desejo e um compromisso moral, político e ético da minha vida e do meu governo. Nós sabemos o tamanho do problema, sabemos os caminhos para a solução e sabemos o que vamos fazer.

Agora, em política, de vez em quando a gente ataca uma frente por vez, porque se atacar todas de uma vez você termina não executando bem nenhuma. Nós sabemos do compromisso desse governo com a reforma agrária, e vamos fazê-la, para fazer com que os assentamentos, não apenas os existentes, mas outros que forem acontecer neste país, se tornem efetivamente produtivos e sejam motivo de orgulho das famílias que forem assentadas. Que elas possam trabalhar com dignidade e decência, sustentar sua família e colocar, no mercado, produtos de boa qualidade para a sociedade.

Esse é um sonho e nós vamos realizá-lo. Vamos realizá-lo na medida em que cada etapa esteja sendo cumprida dentro da lógica e das possibilidades de que o governo dispõe. Vocês vão ver muita gente assentada, porque esse é um compromisso até pelo qual eu fui eleito. E isso nós vamos



fazer, com muita tranquilidade.

Já pedi para o ministro Miguel Rossetto me apresentar um plano para a reforma agrária. O que não falta para o Miguel Rossetto é gente especialista, gente que conhece o assunto com muita profundidade. E nós vamos anunciar logo, logo, um programa de reforma agrária para o nosso país.

Sabemos que, depois de apresentar esse programa, virão outras coisas que nós precisamos fazer. Afinal de contas, nós temos muito, mas muito para fazer, ou seja, por mais que a gente faça, sempre haverá muita coisa por fazer. E como nós estamos com apenas cinco meses de governo, estamos tranquilos, vamos fazer cada coisa que nós nos comprometemos durante tantos anos em que percorremos este país. Tem gente mais afobada, gente mais apressada, tem gente que gostaria que as coisas acontecessem fora de hora. Não acontecem.

Como eu tenho a responsabilidade de não errar, cada coisa será bem pensada. Se eu pensar bem e não tiver certeza, eu penso outra vez. Se eu pensar pela terceira vez, e não fizer, é porque não era bom. Ou seja, eu aprendi a contar até dez, apesar de só ter nove dedos, que é para não cometer erros. Um erro em qualquer outro governo é mais um erro. No nosso, não pode acontecer. Então nós vamos pensar. Cada coisa lançada aqui é pensada de forma muito meticulosa.

Esta semana nós vamos anunciar muitas coisas aqui, vamos anunciar microcrédito, cooperativas as famosas cooperativas tipo Luzzatti, que tanta gente reivindicou tanto tempo, nós vamos lançar.

No dia primeiro, o companheiro Jaques Wagner vai apresentar aqui o Primeiro Emprego, pensando, sobretudo, na juventude brasileira. E isso vai começar a mudar um pouco a cara do nosso país. Eu tenho um discurso aqui, eu não vou nem ler mais o meu discurso, porque eu iria repetir muitos números que o companheiro Miguel Rossetto citou, então, não tem sentido.

Eu queria chamar a atenção para algumas coisas novas. A primeira



coisa: o tempo do dinheiro. Há muito tempo não saía o crédito para o agricultor familiar no mês de julho. Muitas vezes, passava o tempo do plantio e ele não tinha acesso ao dinheiro. Agora, vai sair antes do plantio.

Segunda coisa: a inclusão da mulher trabalhadora. Esse é um fato, na minha opinião, excepcional, porque significa que se um companheiro que tenha seus 10 hectares de terra e quiser plantar 5 hectares de alguma coisa com o financiamento, a mulher dele pode ter um outro projeto para plantar uma outra coisa no restante da terra, podendo ela, também, conquistar a sua cidadania, e não ficar dependente apenas do projeto do marido.

A terceira coisa é a questão da possibilidade de crédito para a juventude. Eu, na caravana da agricultura familiar, tive a oportunidade de conviver com parte dos jovens mais extraordinários que eu conheci, companheiros de 18, 19, 20 anos, com uma vontade imensa de continuar trabalhando no campo, à espera de uma oportunidade. Essa linha de crédito, Miguel Rossetto, cai como uma dádiva de Deus para jovens que não precisam deixar o campo, precisam, isso sim, que o Estado lhes garanta crédito. Mais do que isso: que esses jovens aproveitem a sua juventude para estudar o máximo que puderem, para que possam ajudar suas famílias na própria agricultura.

Isso é uma coisa excepcional que nós estamos anunciando, e que eu acho que vai balizar, daqui para a frente, a questão dos créditos para outros setores da sociedade.

Nós sabemos que o Miguel também falou, *en passant* – você gostou do *en passant*, não é, Dulci? –, da questão de um setor da agricultura que não tinha direito a empréstimo, porque nem era agricultura familiar, nem era grande empresário, então ele não tinha acesso. É como no meio urbano, um trabalhador que ganha dois mil reais não consegue comprar uma casa porque a casa ou é feita para quem ganha mais ou é feita para quem ganha menos. Ele, que está no meio, intermediário, não consegue financiamento.

Na agricultura é a mesma coisa. Havia uma parcela de agricultores que



estavam entre a agricultura familiar e a empresarial e não tinha linha de crédito. Agora, vai haver uma linha de crédito para esses companheiros, para essas famílias continuarem produzindo no campo com maior tranquilidade e com a certeza de que o governo não vai deixar os produtores rurais na mão.

Nós já anunciamos em Buíque, no estado de Pernambuco, lá no semi-árido, a disposição do governo não só de financiar a agricultura no semi-árido, mas de comprar a safra, se, porventura, no mercado não houver um preço compatível com o valor da sua produção. Isso vai valer para outros segmentos da agricultura e eu penso que, assim, nós estamos dando mais um passo importante na construção do Brasil que todos nós queremos.

Eu só quero pedir a todos vocês que quando tiverem que reclamar, não deixem de reclamar. Eu sei que, muitas vezes, no governo, a gente não gosta de pessoas que reclamam, mas às vezes as pessoas que reclamam ajudam mais do que as que não reclamam, porque a reclamação faz a gente perceber se está certo ou se está errado.

Às vezes as pessoas reclamam sem nenhuma maldade, às vezes reclamam por má-fé, às vezes reclamam por falta de informação, às vezes reclamam porque querem reclamar, mas os ouvidos deste governo têm que estar preparados para receber aplausos e, também, não-aplausos, para receber pessoas que falam bem e pessoas que não falam bem. É assim que a gente vai construir essa democracia. É assim que a gente vai construir um novo país, que foi a razão pela qual vocês tanto trabalharam, para que esse momento acontecesse.

Eu quero terminar dizendo a todos vocês que podem ter certeza de uma coisa: nós vamos fazer neste país tudo o que puder ser feito para melhorar a vida do povo brasileiro, inclusive a reforma da Previdência e a reforma tributária. Tem gente que não gosta, mas é normal. Eu não espero que as pessoas gostem de tudo. Eu não gostei que o Brasil perdesse ontem, fosse desclassificado. Mas estou digerindo isso com a maior seriedade. Nós



queremos fazer com que haja mais justiça no país. E fazer mais justiça no país é fazer todas as reformas que temos que fazer: a política, a sindical, a trabalhista, a previdenciária, a agrária e tantas outras reformas que vão se apresentar para nós. E nós vamos fazê-las com muita tranquilidade.

As pessoas que fazem parte do nosso governo apanharam muito antes de chegar aqui. E eu acho que, pelo fato de termos apanhado muito, todos nós nos calejamos, amadurecemos no momento certo para fazer as mudanças de que o Brasil precisa.

E podem ficar certos de que, a partir do lançamento desse Pronaf para a agricultura familiar, nós vamos nos encontrar aqui, quem sabe ano que vem, para anunciar um novo plano. E aí nós vamos querer ouvir de vocês se valeu a pena, se melhorou ou não melhorou a agricultura familiar. Por enquanto é intenção do governo, do Cássio, do Miguel Rossetto, que apresentaram aqui os planos e o dinheiro. Esse dinheiro tem que sair. Ao sair, ele tem que comprar semente, tem que ajudar vocês a plantarem, tem que permitir que vocês adubem essa terra, reguem essa terra e depois tenham a colheita. Nessa colheita o governo vai estar de olho, porque não vamos deixar, como aconteceu em Caçador, com o companheiro que veio aqui. Eu fui visitar a casa dele, ele plantou tomate, deu bastante tomate. Incentivaram para que ele plantasse mais, ele plantou mais, caiu o preço, e ele teve que vender o caminhão para poder pagar as despesas que tinha feito. Nós precisamos tomar muito cuidado para que isso não aconteça, nós temos que estar vigilantes, porque o nosso objetivo é ajudar e não atrapalhar.

Meus companheiros, muito obrigado, boa sorte a todos vocês, boa sorte às mulheres agricultoras do nosso país, aos trabalhadores rurais deste país. E boa sorte ao companheiro Miguel Rossetto, ao Cássio, aos companheiros do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Eu espero que aqueles que conheçam o que é a agricultura familiar nos ajudem a fiscalizar, para sabermos se agora vai funcionar de verdade esse novo plano para a agricultura familiar.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

Muito obrigado e boa sorte.